

Elogio(s) da Pintura Metafísica

Manuel Gusmão

SEM TÍTULO

O aqueduto atravessa o caixilho que o enquadra, ambos quase quietos e silenciosos, na paisagem e na pintura.

Como se viessem de Itália e a duração dessa viagem fosse incomensurável com o tempo que levas a aperceber-te dela.

Durante o intervalo em que estamos de respiração pacificada, quase distraídos ao ponto de não nos apercebermos que a folhagem se parece agora com as águas calmas de um lago e que nenhum automóvel passou nos últimos instantes pela estrada que sabemos perto mas daqui oculta,

é como se uma campânula sem costura tivesse descido, sobre aquele canto e instante de um múltiplo mundo, mudo e exterior (?) a nós.

À tua esquerda e quase ao centro (aproximativo da paisagem e do quadro há um grupo (um maciço) de árvores, pinheiros mansos, cedros e arbustos, – silvas altas, que projectam no chão, coberto da erva verde e húmida da primavera, o peso relativo das suas sombras.

No prolongamento da linha de enfiamento do teu ombro direito, vem por detrás de ti, o aqueduto, em seus passos largos e quase silenciosos, os seus passos de pedra calada; quieta, calada e antiga.

Àqueles que vivem sob a campânula, e ao aqueduto, convém a paisagem e a pintura, a qualidade de silêncio desta pintura.

Dir-se-ia que esse silêncio é o rasto poderosamente inverosímil e insistente de um grito afogado de há uns instantes antes; de um intervalo de tempo que está sempre ainda a fechar-se....

Não é assim, Sr. Pintor, por exemplo, se vós assinais

de Chirico

A IMAGEM

Súbita como a deusa

Cega e bela e incompleta, a

imagem

– de que o relâmpago recebe a sua forma relampejante

a imagem

matinal sobre

esta praia espantada,

o teu doce corpo uiva e converge com

a tempestade eléctrica que te açoita

a alma

e a asa branca que voa por entre a tua intensa

cabeleira violeta

– ó burrié, que te constelas alto

na noite azul e

azul.

– E tu vibras acre e doce, ó meu loiro burrié

E comandas as marés que vão e
Vêm – intermitências do amor
Num mar que a luz escurece nesta
Praia negra.

Os riscos e os animais pequenos (sempre as aranhas, ou os outros) bichos
que dependurados na sua raiz se formam, que se inscrevem (como
testemunhas)
que separam e reúnem (como agentes ou operacionais) os ecos da tua discreta manhã
hospitalar
-- já não hospitaleira como querias crer;
Mas como?
Com a calma que descia no elevador e

Que dividisse os vários brancos do mundo das coisas
que, sob o sol, conhecem também a noite.
– Aí? (onde? E de quem?)
De noite ou no mundo ao sol, que também a conhece?
O mundo das coisas ao sol e de noite era para onde eu
Queria apontar.

Aí –
É por aquela mesma imagem reflexa que se divisam os ramos
Como a deusa que desce — cega
e bela e incompleta, no elevador matinal
sobre a praia espantada, a *imagem, que dela*
recebe a forma Do relâmpago

QUARTA MANHÃ

Vem! anda! vem e vê
O nascimento.

E tu saís para a varanda larga
e para o teu jardim suspenso aéreo.
Guiado pelas mãos que conduzem
os teus passos estremunhados.
Tu vens ao ver, tu testemunhas o que
vês e te interrompe:

o fogo puríssimo acende o rastilho da luz
E dobra com o incêndio a dobra de uma nuvem
mais escura que se imobiliza no céu à esquerda.

O fundo das águas ou puxa para baixo
ou faz subir num elevador abstracto
enquanto mantém mergulhadas na sombra
as indistintas copas das árvores
da outra margem.

Tu presentes a oficina
onde se prepara o fogo do dia
por detrás das nuvens que voam
esbranquiçadas nos céus da direita.

Nada ainda rompeu este silêncio
espesso e denso que vem durante a noite
acumulando-se e desdobrando-se
ao longo da noite do teu corpo.

O que sabes sobre essa hora (em que) um último arbusto
embranquecido pela dor que (o) lançou (triste) naquela paisagem de cinza? o que
sabes sobre essa hora da luz que declina
o crepúsculo, como quem mede, pelas extensões da névoa
que expiras, o avanço da onda, golfada pela parte mais sombria
da
noite? a
sua boca mais
escura
essa hora que conheces primeiro como uma mudança da humidade

do território em que avanças, pastoso, enterrando, na pastosa lama, os teus
passos. Avanças na margem do rio que ainda não vês. É a hora do ri/ú.
Sabes isso. Sabes a hora do crepúsculo que o guarda
e esconde -
acentuando a última
vogal.

Aquela que acabou de passar e
NÃO é já
a última Á-
gua; águas.